

## O INTERCÂMBIO CULTURAL E CONSTRUTIVO EM MOGI DAS CRUZES

Juliana Tie Alves (IC) e Roseli Maria Martins D'Elboux (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência da arquitetura do imigrante japonês no Brasil, com foco na região de Mogi das Cruzes. Para tanto, retomou-se o processo histórico que propiciou os movimentos migratórios no Japão no final do século XIX, e o contexto histórico e social brasileiro que recebeu estes imigrantes. Procurou-se compreender o caso específico de Mogi das Cruzes e destacar a sua importância no contexto da imigração japonesa em São Paulo. No cenário da arquitetura e construção, buscou-se compreender as características dos abrigos formais construídos pelos imigrantes japoneses, com base no processo de fixação, seguido por um estudo de caso do Casarão do Chá, com foco na análise de seus aspectos construtivos. Aplicou-se uma pesquisa de campo com o objetivo de identificar outras construções da comunidade nipônica em Mogi das Cruzes e regiões próximas, com o intuito de verificar a possibilidade de um intercâmbio cultural e construtivo entre a comunidade de imigrantes japoneses e brasileiros locais, além disto, analisou-se a abrangência da antiga fábrica de chá como um elemento configurador da paisagem local.

**Palavras-chave:** Imigração japonesa no Brasil. Mogi das Cruzes. Casarão do Chá.

### ABSTRACT

This research aimed to analyze the influence of the Japanese immigrant architecture in Brazil, focusing on the Mogi das Cruzes region. For this purpose, the historical process that promoted migratory movements in Japan at the end of the 19th century was resumed, as well as the Brazilian historical and social context that received these immigrants. It was sought to understand the specific case of Mogi das Cruzes and to highlight its importance in the context of Japanese immigration in São Paulo. In the architecture and construction scenario, it sought to understand the characteristics of the formal shelters built by the Japanese immigrants, based on the fixation process, followed by a case study of the Casarão do Chá, with a focus on the analysis of its constructive aspects. A field research was carried out to identify other constructions of the Japanese community in Mogi das Cruzes and nearby regions, in order to verify a possible of a cultural and constructive exchange between the community of Japanese and Brazilian local immigrants, besides this, the old tea factory was analyzed as a configurator element of the local landscape.

**Keywords:** Japanese immigration in Brazil. Mogi das Cruzes. Casarão do Chá.

## 1. INTRODUÇÃO

A diversidade cultural é uma das principais características que permeiam a população brasileira, e a mesma foi possível em função das diversas culturas que aqui se instalaram ao longo do tempo. Neste âmbito destaca-se a comunidade japonesa, que iniciou o seu processo imigratório no final do século XIX, ganhando força ao longo do século XX (KIMURA, 2013). Nesta pesquisa, propõe-se reconstituir este contexto histórico e compreender os motivos que impulsionaram os movimentos migratórios da população japonesa em direção a outros países, e analisar o caso específico de desenvolvimento no Brasil, com foco no município de Mogi das Cruzes, por se apresentar como a segunda maior colônia paulista, e assim, investigar os motivos que fizeram com que ela se destacasse em relação às demais colônias paulistas (HIRATA, 2006).

Considerando o âmbito da arquitetura e construção no Brasil, imerso em uma mescla de influências de diversas origens, questiona-se a possibilidade de uma soma de técnicas construtivas na região de Mogi Das Cruzes, envolvendo assim não apenas aspectos da cultura japonesa, mas todo um processo anterior de formação de uma arquitetura local, localizado nas proximidades do Vale do Paraíba. Neste contexto investigou-se o Casarão do Chá em Mogi das Cruzes, uma construção de 1942, feita em madeira com base em técnicas construtivas tipicamente japonesas, sem equivalentes na América Latina (KIMURA, 2013). Desta forma questiona-se se houve a aplicação destas técnicas em outras construções em Mogi das Cruzes e municípios próximos pelo fato do Casarão do Chá constituir-se como um testemunho da arquitetura do imigrante japonês no Brasil.

Os objetivos desta pesquisa são:

1. Investigar e avaliar o intercâmbio cultural existente entre as duas culturas;
2. Através destes estudos, analisar o Casarão do Chá por sua importância como legado cultural da imigração japonesa;
3. Investigar a existência de outras construções concebidas através do mesmo método construtivo aplicado no Casarão do Chá.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o processo da imigração japonesa no Brasil deve-se estar a par das questões sociais e econômicas que a motivaram no Japão, e também compreender o contexto brasileiro, para isto tomou-se como base bibliográfica os relatos históricos de Tomoo Handa (1987), Célia Sakurai (1998) e a tese de mestrado de Kimura (2013), em que os autores procuraram desenvolver um panorama do processo da imigração japonesa, envolvendo seus antecedentes históricos e fatores que a motivaram no Japão, além da

análise do processo de assentamento e distribuição da população de imigrantes no Brasil. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Hirata (2006) e Moraes (1990), discutem o caso específico de Mogi das Cruzes, abordando seus aspectos sociais e o processo de desenvolvimento.

Com relação à base bibliográfica sobre a arquitetura do imigrante japonês, tem-se como principal fonte de pesquisa Yamaki (2008), autor que faz um panorama dos tipos de habitação que o colono japonês ocupava conforme o seu período de fixação. No caso do Casarão do Chá, utilizou-se como base bibliográfica o parecer do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), de autoria de Celina Kuniyoshi e Walter Pires (1984), o relatório e estudo apresentado pelo arquiteto Kunikazo Ueno, as informações do grupo “Associação Casarão do Chá” e os levantamentos e análises de Simone Kimura (2013). Estes autores abordam a importância cultural e histórica deste monumento da imigração japonesa em São Paulo, e detalham os seus aspectos formais e construtivos, que conferem um caráter único a esta edificação.

### **3. METODOLOGIA**

Com o intuito de atingir os objetivos propostos pela pesquisa, assumiu-se uma abordagem qualitativa de levantamento de dados. Primeiramente focou-se no contexto histórico, abordando os fatores que condicionaram e possibilitaram a imigração japonesa para o Brasil, seguida por um estudo do contexto brasileiro, em que se analisou o processo de ocupação desta comunidade na região paulista com enfoque em Mogi das Cruzes. Concluída a pesquisa preliminar de caráter histórico e tendo-se compreendido os fatores que a condicionaram, desenvolveu-se um estudo dos métodos construtivos japoneses desenvolvidos no Brasil, procurando identificar possíveis relações com as técnicas tipicamente brasileiras, seguida por uma análise de estudo de caso do Casarão do Chá. Através das informações aplicou-se uma pesquisa de campo em Mogi das Cruzes e municípios próximos, investigando a existência de outras construções desenvolvidas pela comunidade imigrante. Baseado nestas, procurou-se identificar as possíveis relações que as mesmas poderiam estabelecer com o Casarão do Chá, tomando-se este como um elemento de relevância no contexto da arquitetura da imigração japonesa e, por fim, constatar se houve ou não um intercâmbio cultural entre as duas nações.

### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

#### **4.1 O processo de imigração**

No Japão, o processo que levou às imigrações, não apenas para o Brasil, mas para outras nações como Estados Unidos e Canadá, ficou conhecido como Restauração Meiji.

De acordo com Kimura (2013) este movimento se iniciou durante o século XIX, e teve como princípio a modernização de seu Estado. Além de promover mudanças políticas, a Restauração Meiji implicou em profundas transformações econômicas e sociais no fim do século XIX, ligadas também a um grande desenvolvimento industrial. Ao longo desse processo, diversas ações excludentes foram empreendidas, com o intuito de fortalecer a política nacionalista, resultando em inúmeras injustiças praticadas aos camponeses, envolvendo a implantação de impostos sobre o valor da terra e a obrigatoriedade ao alistamento militar, o que fez com que as famílias perdessem a força de trabalho dos filhos. Essas circunstâncias, de acordo com Sakurai (1998) provocaram uma situação de miséria para os agricultores e suas famílias, que em meio a protestos e revoltas, encontraram como solução deixar o Japão em direção a outros países.

Além disto, neste contexto a emigração surgiu como solução para atenuar o problema do aumento populacional e reduzir o descontrole social. O governo japonês empreendeu uma política de “expulsão” (SAKURAI, 1998), a fim de reduzir a população e as tensões sociais principalmente nas zonas rurais, incentivando a emigração e o trabalho temporário em outros países. Além do interesse em diminuir a população, o governo japonês buscou por meio deste novo “elo” incrementar as relações comerciais, no caso do Brasil, propiciando a abertura de um novo mercado consumidor para o café, e assim possibilitando a consolidação de uma economia ultramar (SAKURAI, 1998).

#### **4.2 O imigrante japonês no Brasil**

Os O elo estabelecido entre Brasil e Japão deu-se no cenário da virada do século XIX, de acordo com o IBGE (2007), devendo ser destacado o ano de 1908, ano em que o navio Kasato Maru aportou em São Paulo, marcando o início oficial das imigrações. Segundo Izumi (2010, apud Silva, 2015) deve-se esclarecer que a opção pelos trabalhadores nipônicos não ocorreu por livre escolha do governo brasileiro, mas por sua necessidade absoluta, de suprir o vazio deixado pela ausência de força de trabalho dos escravos desde a aprovação da Lei Euzébio de Queiróz em 1850, que proibiu o tráfico de escravos. O país passou a depender de imigrantes para povoar terras devolutas e compensar as perdas da força de trabalho dos negros, condição que se agravou no momento que se cessou a vinda de imigrantes italianos, diante de restrições impostas pelo governo destes, em função das condições de trabalho de semiescravidão. Assim o governo brasileiro viu como solução a mão de obra do imigrante japonês (KIMURA, 1998).

Em 1908, o Estado de São Paulo passou a ser o destino da grande maioria dos imigrantes que chegavam ao país, configurando o processo chamado de “a grande imigração”, em que houve um grande aumento de imigrantes japoneses no Brasil. Segundo

Sakurai(1998) a implantação das colônias se deu partir de núcleos planejados por companhias subvencionadas pelo governo brasileiro, como a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK), ou através de companhias formadas por iniciativa dos próprios imigrantes com uma liderança local, ou ainda, por meio da aquisição de terras particulares. Em pouco tempo, os primeiros imigrantes perceberam que além das dificuldades de se adaptarem o Brasil, havia também a impossibilidade de retornarem bem sucedidos ao Japão em um curto período de tempo. Kimura (2013, apud Handa, 1985), destaca que diante desta situação, associada à colheita ruim, falta de pagamento e condições de trabalho precárias, resultou em uma grande dispersão em que os imigrantes partiram em busca de melhores condições de trabalho em outras fazendas, ou mudaram o seu planejamento inicial, tornando-se pequenos proprietários de terras em determinadas regiões, assim ampliando o tempo previsto no Brasil, ou mesmo, optando permanecer por definitivo.

#### **4.3 Colônia de Mogi das cruzeiras: Pequenas propriedades agrícolas**

De acordo com Hirata (2006) e Handa (1987) o município de Mogi das Cruzes se destaca no contexto da imigração, por ser a segunda maior colônia japonesa do estado de São Paulo desde 1970. Um fator que incentivou a ocupação da comunidade japonesa em Mogi das Cruzes foi a Estrada de Ferro Central do Brasil, que segundo Grimberg (1992, apud Hirata, 2006) foi uma importante oportunidade para desenvolverem suas atividades, sendo relevante para sua expansão no sentido do Vale do Paraíba e mais a frente na região fluminense do país, se aproximando dos dois principais mercados do país: São Paulo e Rio de Janeiro.

Clima saudável onde inexistem doenças assustadoras, o baixo valor da terra, a possibilidade de uma 'agricultura de jardinagem' e a proximidade de um centro consumidor de produtos como São Paulo foram às causas que trouxeram os imigrantes para a região (MORAES, 1990, p. 30).

Enfrentando as mesmas adversidades que os demais imigrantes em outras regiões paulistas, segundo Moraes (1990, apud Hirata, 2006) o imigrante japonês se instalou em Mogi das Cruzes primeiramente em bairros periféricos, em sua maior parte durante as décadas de 1920 e 1930, atuando inicialmente como meeiro, condição que promoveu uma nova mentalidade em que se estimulava a ascensão social e a defesa do trabalho. Estando imersos em uma cultura que incentivava a formação da poupança, condição que, associada ao lucro adquirido com a venda dos produtos que cultivavam e também à facilidade de se adquirir terras na região em função do baixo valor, cooperaram para que os imigrantes passassem a explorar estas novas terras, e tornarem-se em sua maioria proprietários (MORAES, 1999). Através deste processo a comunidade japonesa que se fixou na região de Mogi das Cruzes como um todo, consolidou até os dias atuais um grupo sólido e expressivo

na localidade do alto Tietê (Censo IBGE 1970, 1980, 1991 e 2000) que teve reflexos na cultura ali desenvolvida.

#### **4.4 Desenvolvimento arquitetônico em Mogi das cruzeiras**

No que diz respeito à arquitetura e construção na região mogiana, o intercâmbio cultural desenvolvido entre a comunidade brasileira e os imigrantes desde os tempos coloniais, segundo Kimura (2013) segue as mesmas condições e mesclas de conhecimentos construtivos japoneses aliados às técnicas tipicamente paulistas, situação semelhante à observada por Peixoto (2000) e D'Elboux (2004) quanto à região do Vale do Paraíba, que exerceu grande influência sobre Mogi das Cruzes durante os séculos XVI a XIX. Desta forma observa-se uma soma, e não sobreposição de técnicas construtivas, englobando a cultura do imigrante japonês, e também a arquitetura local, considerando a influência paulista, marcada por antecedentes bandeiristas, fluminense e mineira, atrelada ao passado português e indígena.

#### **4.5 A moradia do imigrante japonês: Antecedentes e aspecto formais**

O novo contexto em que os imigrantes se instalaram implicou em mudanças quanto à maneira como construíram suas moradias, de modo que os carpinteiros precisaram aliar o seu conhecimento às técnicas e materiais locais, construindo moradias basicamente de palmeira, taipa e madeira (YAMAKI, 2008). De acordo com Yamaki (2008), os imigrantes trouxeram a arquitetura japonesa que seguia o estilo desenvolvido durante a segunda metade do século XIX, chamada de Wayou Settyu Youshiki (estilo eclético oriental – ocidental), marcada pela influência social e política da Revolução Meiji. O arquiteto Kisho Kurokawa (1999), afirma que este estilo trazia em si o dinamismo e a beleza por meio da simbiose, isto é, procurava reconhecer o caráter e a cultura um do outro, mas ainda buscava contribuir, por meio da competição, confronto e crítica. Desta maneira, Rogério Bessa em Casa... (2014) afirma que os imigrantes adquiriram maior liberdade para desenvolver suas moradias no Brasil, possibilitando a construção de casas com dimensões diferentes das padronizadas no modelo japonês, inserindo detalhes a maneira palaciana.

Mais do que o peso isolado da tradição, a arquitetura da imigração foi resultado de processo continuado de competição e confrontação da tradição reinvenção. (YAMAKI,2008,p.14)

Foram transmitidos também conhecimentos característicos do típico “fazer” japonês, sendo estes as conexões por encaixes e pré-numeração de peças, aliados aos conhecimentos dos mestres carpinteiros.

De acordo com as publicações<sup>1</sup> da época expostas por Yamaki (2008), as moradias em geral preocupavam-se com os aspectos estéticos e sanitários, de modo que estes fatores influenciaram na concepção formal das moradias, apresentando piso elevado ou chão de terra batida, de maneira que se assemelhavam formalmente a arquitetura tipicamente rural japonesa. Com o intuito de se adaptar à região, alguns costumes típicos da cultura japonesa foram deixados para trás, resultando em mudanças de hábito que alteraram radicalmente questões relacionadas à organização espacial, simbolismos e flexibilidade dos cômodos por meio do abandono das paredes divisórias, que promoviam a permeabilidade da luz, e a adoção de aberturas estratégicas atreladas a ausência de corredores para promover a entrada de luz.

#### **4.6 Construção da Moradia**

De acordo com Yamaki (2008), ao construir sua moradia o colono levava em consideração os seguintes aspectos: escolha do local, estrutura da moradia, higiene no interior da moradia e cuidados com o entorno. Ao se referir ao modo de se construir Yamaki (2008) destaca o uso dos típicos encaixes entre as peças de madeira, e o uso dos módulos *Shaku* (30x30 cm) e *Ken* (180 cm), que estiveram em uso por um longo período, em função de promoverem uma fácil apreensão do espaço da moradia por se basearem nas dimensões do *tatami*. Yamaki afirma em “Lições de arquitetura” (2008), que a partir do momento que chegava ao Brasil, até se estabelecer por definitivo, o colono japonês, via de regra, passava pelas seguintes experiências: ocupava primeiramente casa de colono em fazenda de café ou moradia de fazenda (no caso de uma moradia já construída), rancho de palmito e moradia definitiva de taipa, madeira ou alvenaria.

##### **4.6.1 Estágio inicial**

1. Abrigo provisório: No caso da construção da casa do colono, até que a mesma fosse concluída, o imigrante construía um abrigo provisório simples em que se considerava a facilidade do transporte de materiais e produção da moradia.
2. Casa de colono: Segundo Yamaki (2008) e Handa (1987), as casas de colono consistiam em moradias geminadas de formato retangular, com uma planta que se desenvolvia em torno da área de refeições, dando acesso aos três dormitórios, cozinha e um anexo na parte externa, também destinada ao banheiro.

---

<sup>1</sup> Estas publicações consistiam em uma série de quatro artigos publicados na revista *Lar e Higiene* em 1934, de autoria do agrônomo Tokuya Koseki com o título “Senso Comum em Arquitetura”. In: YAMAKI, Humberto. *Lições de arquitetura: manuais e recomendações aos imigrantes japoneses nos anos 20-30*.

3. Modestas moradias das fazendas de café: Em algumas fazendas de café já existiam moradias construídas segundo o modelo brasileiro, que eram cedidas gratuitamente aos imigrantes pelo fazendeiro. Em geral eram moradias geminadas, apresentavam de 2 a 3 cômodos e possuíam piso de terra batida em sua maioria (HANDA, 1987).

#### 4.6.2 Estágio intermediário - Rancho de palmito

O modelo de rancho ideal exposto por Yamaki (2008) apresentava em geral dimensões de 2 *ken* x 3 *ken* (*ken*=1.80 m), com paredes de tábuas e cobertura de telha, associado a um sistema de abastecimento de água.

#### 4.6.3 Estágio final – Moradia definitiva

A moradia consistia em um ambiente de dois ou três cômodos, para abrigar três pessoas. Em geral possuíam piso elevado por questões sanitárias, e cômodos de uso flexível, os aspectos estilísticos do interior e exterior eram o resultado de uma combinação de estilo oriental e ocidental, condição observada apenas neste estágio do processo de ocupação do imigrante, devido a sua intenção de fixação no Brasil, sendo diferente das outras formas de moradia que possuíam caráter provisório e desta forma não possuíam preocupações de ordem estilística..

##### 1. Casa de taipa

Yamaki (2008, apud Koseki,1934) expõe que ao construir suas moradias, os colonos tinham como uma de suas principais preocupações a elaboração de um ambiente fresco e agradável. Diante disto, a taipa se apresentava como uma interessante alternativa devido às suas propriedades térmicas, baixo custo e bom acabamento. A parede de taipa era composta por diversas camadas, formadas por uma mistura constituída basicamente por quatro elementos: barro, areia, fibra (palha) e água, em que as proporções dos elementos variavam de acordo com a camada abordada.

É interessante destacar que a taipa japonesa se diferencia da brasileira por seu aspecto estrutural. Segundo Sarasá (HABITAR... 2014), a estrutura nipônica se articula por meio de uma trama invertida, que segue um traçado horizontal, diferente do modelo brasileiro marcado pela verticalidade.



Figura 1- Restauro das paredes de taipa. Fonte: Mori.



Segundo Yamaki (2008) os telhados podiam ser classificados como: meia água, estilo alemão, duas águas (*kirizuma*) e quatro águas (*yosemune*). Higashino (2001) destaca que todas as formas de telhados são variantes formais do tipo *kirizuma*, utilizado em santuários e casas urbanas, e *yosemune*, visto em casas de fazenda, em que pode se citar tipo *irimoya* (telhado simples côncavo de duas águas, voltado para dentro, com acessórios nas extremidades em alguns exemplares) sendo o modelo mais frequentemente utilizado. Estruturalmente, no caso de vãos grandes, superiores a 6 m, procuravam utilizar a tesoura ocidental. Para os vãos pequenos, optava-se pelo modelo alemão ou tesoura nipônica, indicada para coberturas de telha de barro, com uma estrutura marcada por uma série de suportes verticais com o intuito de possibilitar suporte máximo ao longo de sua inclinação.



Figura 2- Rōmon em Hannya-ji - Porção superior com estilo de telhado irimoya. Fonte: Hamachidori.

## 2. Casa de madeira



Figura 3- Moradia de madeira. Fonte: Yamaki.

Segundo Yamaki (2008) e Handa (1987) ao optar pela casa de madeira, as principais preocupações eram de ordem sanitária e estética. Desta forma procuravam construir casas elevadas com estruturas resistentes para evitar o contato com o solo, revestiam o piso dos cômodos com tijolos, aplicavam forro em ambientes como sala/refeitório e quarto, instalavam janelas de tipo guilhotina envidraçadas e construía o banheiro e a fossa para

águas servidas na área externa. Sobre o mobiliário e distribuição interna, Yamaki (2008) expõe que os ambientes eram interligados com o intuito de preservar a privacidade dos moradores no caso de visitas, podendo-se acessar outros cômodos sem cruzar a sala/refeitório, e também para promover boa ventilação e conforto térmico através da conexão entre sala e varanda.

#### 4.7 O Casarão do Chá

O Casarão do Chá, apesar de não se configurar como um exemplar de moradia imigrante, e sim como uma construção fabril, é o principal elemento arquitetônico representante da cultura japonesa no município de Mogi das Cruzes. De acordo com as informações da Prefeitura e pelos estudos de Kimura (2013), a antiga fábrica de chá foi construída em 1942 pelo mestre-carpinteiro japonês Kazuo Hanaoka, com o intuito de ser a fábrica da companhia de Chá Tokyo, empreendimento da Sociedade Katakura Gomei Kaisha. Atualmente a construção é tombada como patrimônio Estadual pelo CONDEPHAAT e Federal pelo IPHAN. A construção se fez necessária graças à bem sucedida produção de chá naquela área desde a década de 1920 e assim, Fukashi Furihata<sup>2</sup> encomendou a construção de uma fábrica para o processamento e venda do chá.



Figura 4- Vista frontal. Fonte: Juliana Tie Alves, 2017.

##### 4.7.1 Aspectos formais e estruturais

Segundo Kimura (2013), baseada no estudo de Celina Kuniyoshi e Walter Pires, o aumento da produção e a necessidade de tornar o processo de beneficiamento mais eficiente nortearam o projeto de Hanaoka, que dividiu a edificação em dois pavimentos, distribuindo e articulando os ambientes de acordo com as etapas de produção do chá. Seguindo este raciocínio tem-se primeiramente o processo de desidratação das folhas, realizado no pavimento superior, que contém uma sequência de janelas que favorecem a ventilação. Na etapa seguinte as folhas murchas eram lançadas para o pavimento térreo,

---

<sup>2</sup> Fukashi Furihata foi um engenheiro agrônomo japonês enviado ao Brasil em 1922 à serviços da empresa Sociedade Katakura. Após alguns anos residindo no Brasil, adquiriu uma fazenda com cerca de 139 alqueires em Mogi das Cruzes, mais especificamente no bairro Cocuera, onde iniciou o cultivo de frutas hortaliças e chá. In: Associação Casarão do Chá. Casarão do Chá – SP. Disponível em: < [http://casaraodocha.org.br/wp/?page\\_id=12](http://casaraodocha.org.br/wp/?page_id=12) >. Acesso em 20.fev.2017

em que era realizada a sua fermentação e secagem, para em seguida o chá ser selecionado e embalado (KIMURA, 2013).

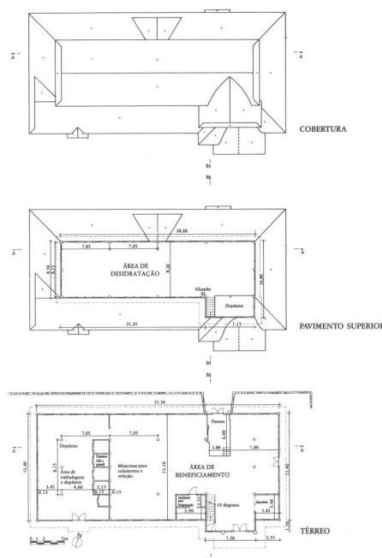


Figura 5- Plantas. Fonte: Kuniyoshi, Pires (1984) p.28

Pavimento superior: Área de desidratação e depósito

Térreo: Depósitos, área de embalagem, área de seleção, fornos, área de beneficiamento, área de fermentação e escritório.

Sobre o processo de construção da fábrica, baseado em Kimura (2013) e nas informações transmitidas pela Associação Casarão do chá<sup>3</sup>, destaca-se que Kazuo Hanaoka buscou construir o casarão seguindo basicamente o conceito tradicional das construções japonesas, podendo-se citar os seguintes aspectos:

1. Estrutura independente de madeira (aparente) – Estrutura formada unicamente por encaixes, dispensando a utilização de pregos ou argamassa;



Figuras 6- Exemplos de encaixes entre viga e pilar que sustentam a treliça apresentada na figura 8, sem a utilização de peças metálicas . Fonte: Juliana Tie Alves, 2017.

2. Planta livre – poucas divisórias internas, apenas nos locais indispensáveis;

<sup>3</sup> Em novembro de 1997, a Associação Casarão do Chá<sup>1</sup> recebeu da Prefeitura local fez a Concessão de Direito Real de Uso por um período de 20 anos, conduzida pelo ceramista Akinori Nakatani, que assumiu a causa do restauro do Casarão. A entidade foi responsável pela elaboração do projeto de restauro, e se empenhou na busca por recursos pra executar tal empreendimento. In: Associação Casarão do Chá. Casarão do Chá – SP. Disponível em: < [http://casaraodocha.org.br/wp/?page\\_id=85](http://casaraodocha.org.br/wp/?page_id=85)>. Acesso em 23.jan.2017

3. Cobertura –telhado tipo *irimoya e kara-hufu*;
4. Uso de blocos de pedra na fundação, sem amarração com a estrutura do edifício – solução adotada na arquitetura japonesa também como proteção contra os constantes terremotos;
5. Paredes de taipa de mão com uso de bambu - Segundo Kimura (2013), apesar da difusão desta técnica construtiva no Japão, sua aplicação no Casarão do Chá pode ter se dado tanto pela transferência dessa tradição construtiva através de Hanaoka como também por meio da adaptação ao fechamento em pau-a-pique presente no interior paulista;



Figura 7- Camadas do fechamento em taipa, exemplo citado acima no item 4.8.4 - Estágio final – Moradia definitiva. Fonte: Juliana Tie Alves, 2017.

6. Modulação - no Japão as edificações tradicionais e seus espaços internos modulam-se pelas dimensões do *tatami* (1,80m x 0,90m aproximadamente);

A estrutura da cobertura configura-se como uma mescla de influências ao empregar treliças planas (como legado das imigrações europeias) no lugar de vigas horizontais (japonesas) para vencer o grande vão. Esta composição mista atrelada aos materiais aplicados na construção demonstra conhecimento tanto dos aspectos construtivos nipônicos, quanto dos brasileiros, que se mostram por meio da adaptação dos materiais disponíveis nas proximidades do Casarão às técnicas construtivas que Hanaoka dominava, incluindo a utilização de telhas francesas, esquadrias de troncos de eucalipto e outros materiais locais.



Figura 8-Treliças planas. Fonte: Juliana Tie Alves, 2017.

É interessante citar que Hanaoka se encaixa na conjuntura exposta por Bessa (HABITAR... 2014), quanto à liberdade criativa e construtiva que o carpinteiro japonês possuía no Brasil. Assim, segundo Kunikazo Ueno (1999), Celina Kuniyoshi e Walter Pires (1984), pode-se citar como exemplo o pórtico na entrada principal, em que se tem um telhado curvo no estilo “*nokikarahafu*”, cobertura vista em templos e palácios. A cobertura do pavimento superior destaca-se pelo frontão em estilo “*chidorihafu*”. Ainda quanto ao telhado, o mesmo segue uma sobreposição a cada pavimento, em que é adotado o modelo “*irimoya*”, sendo este o mais usual nas construções japonesas. Entretanto, os beirais superiores da entrada seguem o modelo “*ougi-daruki*”, sendo uma característica do estilo Zen, presente nos templos japoneses, em que os cachorros dos beirais não são paralelos, mas seguem uma disposição de formato análogo a um leque japonês.



Figura 9- "Ougi-daruki", beiral com cachorro não paralelo em formato de leque. Fonte:Kunikazu.

Hanaoka também teve liberdade quanto a aspectos estéticos ao aplicar troncos de árvores em seu formato natural em algumas partes da construção, como no pórtico de entrada, no escritório, corrimão da escada e janelas, sendo um aspecto específico desta construção. Desta maneira as formas orgânicas da madeira conferiram um efeito plástico à composição, resultando em uma construção de caráter único.



Figura 10-Telhados *nokikarahafu* e *Irimoya* no Casarão do Chá. Fonte: Associação Casarão do Chá.

#### 4.7.2 Processo de restauro

Em função da ação do tempo, a construção passou a apresentar sérios problemas estruturais, sua restauração foi um grande desafio devido à falta de profissionais no Brasil familiarizados com este tipo de construção (MOGI DAS CRUZES, 2016).



As paredes (todas são de vedação) estão parcialmente destruídas, não devido à sua baixa resistência estrutural, mas sim devido à movimentação da estrutura de madeira e à destruição provocada. Para recuperá-las será necessário que o construtor as substitua por novas, não sem antes apurar a estrutura de madeira do edifício. (UENO, 1999, p.3)

Segundo a prefeitura de Mogi das Cruzes, para restaurar o casarão foram convocados técnicos do Instituto de Pesquisas tecnológicas da USP (IPT), uma junta de especialistas, estudantes da universidade local, o mestre marceneiro Tetsuya Nakao (trazido do Japão especialmente para este projeto) e o especialista japonês da UNESCO, professor doutor Kunikazu Ueno, que liderou o processo de restauro.



Figura 11- Viga parcialmente substituída, perceptível pela diferenciação de coloração da madeira. Fonte: Juliana Tie Alves, 2017.

#### 4.7.3 Tombamento

O processo de tombamento do Casarão do Chá teve início em maio de 1984 sob a perspectiva da “referência cultural”, estabelecida através de ações realizadas sob a coordenação de Aloísio Magalhães<sup>4</sup>. Apesar da proteção federal ter-se tornado possível a partir da ampliação da noção de cultura e patrimônio, recorreu-se ao caráter de excepcionalidade arquitetônica como valor patrimonial (KUNIYOSHI; PIRES, 1984).

O processo de tombamento, de acordo com Kimura (2013) o Casarão do Chá foi reconhecido em meio a uma conjuntura institucional em que foi ampliada a noção de cultura e patrimônio, valorizando-se a excepcionalidade arquitetônica como valor patrimonial. Em sua pesquisa, Kimura (2013) menciona o parecer da arquiteta Dora M. S. de Alcântara, Coordenadora do Setor de Tombamento da DTC/Sphan 134, que mencionou a pesquisa de Celina Kuniyoshi e Walter Pires referente à arquitetura de imigrantes japoneses, ressaltando os bens localizados na região de Mogi das Cruzes e também do Vale do Ribeira.

---


<sup>4</sup> Aloísio Magalhães (1927, Recife -1982, Pádua, Itália), Pintor, designer, gravador, cenógrafo, figurinista, foi diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) entre 1979-1981. In: Aloísio Magalhães. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10144/aloisio-magalhaes>>. Acesso em 23.jul.2017

Dora Alcântara apontou as semelhanças no emprego comum de estruturas de madeira e de algumas associações com soluções locais, que poderiam estar relacionadas a origens um tanto antigas, que remontam aos contatos dos portugueses com o Extremo Oriente. E finaliza que o tombamento poderia preservar um elemento de “significativo valor histórico, compreendido este no quadro dos fenômenos das migrações europeias e asiáticas para o Brasil, havidas, sobretudo a partir da segunda metade do século passado” e uma obra do Arquiteto Kazuo Hanaoka “de caráter excepcional dadas suas qualidades e méritos de arquitetura”. (KIMURA,2013, p.74)


#### 4.8 Pesquisa de campo

Com base nas informações levantadas sobre a arquitetura do imigrante japonês e relacionando-as ao contexto brasileiro com foco na porção paulista, e associando aos levantamentos cadastrais sobre O Casarão do Chá em Mogi das Cruzes, elaborou-se um levantamento em que se identificaram construções relacionadas à comunidade japonesa na região de Mogi das Cruzes e municípios próximos


##### Análise 1: Templo Budista Daigozan Jomyoji de Suzano

 <p>Foto: Juliana Tie Alves, 2017.</p>	Tipo de vedação:	Alvenaria
	Planta:	Sem divisórias internas
	Estrutura:	Madeira com encaixes e reforço metálico
	Cobertura:	-Cobertura composta que mescla os tipos duas águas ( <i>kirizuma</i> ) e quatro águas ( <i>yosemune</i> ); - Pórtico de entra em estilo <i>nokikarahaf</i> ;
	Módulo <i>ken</i> :	Sem informações
	Piso:	Piso elevado
Obra: Templo Budista Daigozan Jomyoji de Suzano	Esquadrias:	Madeira e alumínio
Autor: Sem informações	Fundações:	Concreto
Localização: Estr. dos Fernandes, 1927 - Parque Santa Rosa, Suzano - SP	Observações adicionais:	-Beiral composto, semelhante ao estilo <i>ougi-daruki</i> ; -Complexo budista: Templo principal, portal de entrada ( <i>Rōmon</i> ), templos menores em homenagem às divindades e edifício auxiliar;

**Análise 2: Construção na propriedade da Família Furihata**


 <p>Foto: Juliana Tie Alves, 2017.</p>	Tipo de vedação:	Alvenaria – tijolos de barro
	Planta:	Com divisão internas – especula-se que costumava ser uma moradia
	Estrutura:	Alvenaria e madeira
	Cobertura:	Telhada de 2 águas, não simétrico com cobertura de telhas de barro
	Módulo <i>ken</i> :	Utilização do módulo <i>ken</i>
	Piso:	Elevado
Obra: Construção na propriedade da Família Furihata	Esquadrias:	Esquadria dupla de madeira, no lado externo duplo com fechamento em vidro e o lado externo de janela de escuro de madeira.
Autor: Desconhecido - Hanaoka	Fundações:	Alvenaria
Localização: Estrada do Nagao (Fujitaro Nagao), km 3 Cocuera, Mogi das Cruzes – SP No mesmo terreno do Casarão do chá	Observações adicionais:	- A construção utilizada como depósito, -Área de transição sob o beiral do telhado chamada <i>guenkan</i> , em que se tem estrutura e forro de madeira;

**Análise 3: Templo Budista Zengenji de Mogi das Cruzes**

 <p>Foto: Soto Zen, 2017.</p>	Tipo de vedação:	Alvenaria
	Planta:	Sem divisórias
	Estrutura:	Concreto e madeira
	Cobertura:	Telhada do tipo <i>kirizuma</i> (Duas águas) e <i>irimoya</i> no portal de entrada ( <i>Rōmon</i> )
	Módulo <i>ken</i> :	Sem informações
	Piso:	Nível do solo
Obra:Templo Budista Zengenji de Mogi das Cruzes	Esquadrias:	Madeira
Autor: Ryosen Takashina	Fundações:	Sem informações
Localização: R. Padre Eustáquio, 109 - Vila Lavinia, Mogi das Cruzes - SP	Observações adicionais:	- Complexo com diversas edificações; - Portal de entrada em madeira ( <i>Rōmon</i> ); -Templo para os deuses;



**Análise 4: Residência Toshio Saito**

 <p>Foto: Hugo Segawa, 1983.</p>	Tipo de vedação:	Sem informações
	Planta:	Com divisão internas
	Estrutura:	Alvenaria e madeira
	Cobertura:	Telhada do tipo <i>kirizuma</i> (Duas águas)
	Módulo <i>ken</i> :	Sem informações
	Piso:	No nível do solo – terra batida
Obra: Residência Toshio Saito	Esquadrias:	Esquadrias de madeira
Autor: Kazuo Hanaoka	Fundações:	Especula-se que são de blocos de pedra
Localização: Estrada do Nagao (Fujitaro Nagao), km 3 Cocuera, Mogi das Cruzes – SP - Dentro da propriedade da família Sagawa	Observações adicionais:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização da madeira em seu aspecto natural como recurso estilístico.</li> <li>-A construção não foi concluída por Hannaoka.</li> <li>“ (...) construída a pedido de Toshio Saito e, apesar de sua execução ter sido interrompida por Hanaoka na fase final, e dos acréscimos posteriores, destaca-se pelo apuro formal com que foi concebida e realizada.”(KUNIYOSHI,1984,p.35)</li> <li>e forro de madeira;</li> <li>- Piso elevado com assoalho de madeira e as esquadrias duplas;</li> </ul>

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O O Casarão do Chá é um elemento de grande relevância no contexto da arquitetura japonesa no Brasil. Sendo mais que um elemento representativo do processo de fixação dos imigrantes japoneses, deve ser visto como resultado de condições específicas do seu momento de criação, seja por sua minuciosa construção que tem sua base técnica ligada ao puro “fazer japonês”, ou por toda a carga histórica que o mesmo carrega. Entretanto, de acordo com Kuniyoshi e Pires (1984), ao situá-lo no contexto da produção arquitetônica local é possível notar que o mesmo se apresenta como um exemplar único, configurando-se como um testemunho da arquitetura de imigrantes nipônicos. Esta construção está imersa em um contexto de adaptação de suas técnicas tipicamente japonesas ao novo habitat, observado na utilização de pilares de tronco de eucalipto e modelos de esquadrias e telhas de barro locais. Este processo de adaptação envolveu a reinterpretação da organização

espacial das construções a partir do repertório de origem, e também da relação estabelecida com soluções arquitetônicas locais que, como exposto por Dora Alcântara, poderiam estar relacionadas ao contato anterior com a comunidade portuguesa, podendo se citar o modelo de beirais coloniais em que se tem a inversão da primeira fiada de telhas capa e canal, de modo que são as telhas que “giram”, condição próxima ao modelo japonês, onde se tem o beiral com cachorros em leque (LA PASTINA, 2005). Por outro lado, sua influência como elemento configurador da arquitetura local é mínima, podendo-se observá-la apenas na Residência Toshio Saito, também construída por Hanaoka, que se destaca por seu apuro formal, como mencionado por Celina Kuniyoshi (1984). Nesta moradia é possível observar a utilização da madeira em seu aspecto natural como elemento estilístico na entrada, onde se substituiu o pilar por uma peça de madeira natural, e também a liberdade criativa ao se executar beirais do estilo *ougi-daruki*.

Deve-se destacar que a Residência Toshio Saito e a construção dentro do terreno da Família Furihata foram os únicos exemplares de construções de uso habitacional identificados, presumindo-se que os demais exemplos de moradias expostos por Yamaki (2008), que marcariam o processo de estabelecimento de imigrantes japoneses na região desde o abrigo provisório até a moradia definitiva, tenham se perdido com o passar do tempo. As demais edificações identificadas estão relacionadas à arquitetura religiosa, abrangendo templos budistas locais de construção recente (Mogi das Cruzes e Suzano). Nestes exemplares, é possível notar a utilização dos mesmos estilos de telhados citados nos levantamentos de Ueno (1999) sobre o Casarão do Chá, adotados nos pórticos das edificações e também no portais de entrada, sendo estes *nokikarahafu* e *irimoya*, respectivamente. Entretanto estas características não classificam o Casarão como um elemento que influenciou a arquitetura local, pois, com base em Kimura (2013) e Kuniyoshi (1984), estes estilos de telhado são originalmente ligados à arquitetura dos templos religiosos, sendo assim importados e aplicados por Hanaoka em suas construções devido à possibilidade de liberdade criativa no Brasil. Sendo assim, com exceção da Residência Toshio Saito, as demais construções identificadas relacionadas à comunidade japonesa não possuem vínculos que determinem o Casarão do Chá como um modelo arquitetônico que tenha gerado influência na produção local, apresentando-se como uma construção ímpar, que tem o seu valor justificado por suas características particulares. Além disto, constatou-se, com base em Yamaki (2008), que o intercâmbio de técnicas construtivas estabelecido entre a comunidade local e japonesa, se manifesta em aspectos ligados à adaptação dos materiais locais às técnicas construtivas típicas dos japoneses mas, entretanto, deve-se mencionar que a influência local abrange não apenas o fazer paulista, mas também a

técnicas das comunidades quilombolas, quanto à maneira de lidar com terra (MORAES, 2009).

## 6 REFERÊNCIAS

ALOÍSIO Magalhães. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10144/aloisio-magalhaes>>. Acesso em: 23 de Jul. 2017.

ASSOCIAÇÃO CASARÃO DO CHÁ (Org.). **Casarão do Chá**. Disponível em: [http://casaraodocha.org.br/wp/?page\\_id=12](http://casaraodocha.org.br/wp/?page_id=12)>. Acesso em: 23 fev. 2017.

CASA de Colono Japonês - **Rogério Bessa**. 2014. P&B. Disponível em: <https://vimeo.com/80007083>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

D'ELBOUX, Roseli M. M. **Vale do Paraíba: fusão de saberes e técnicas**. Registros, v.1, n.2, dez/2004, p.219-235. 2004.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **A Linha do Tempo da Imigração Japonesa**. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/imigracaojaponesa/historia.php>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

GRINBERG, Isaac. **História de Mogi das Cruzes**. São Paulo: São Paulo, 1961.

HABITAR Habitat- **Casa do colono japonês**. 2014. Color. Disponível em: <https://patrimonioaledoribeira.org/2015/04/19/casa-de-colono-japones-serie-da-sesc-tv-mostra-a-imigracao-japonesa-no-vale-do-ribeira-em-sp/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

HANDA, Tomoo. **Memórias de um Imigrante Japonês no Brasil**. São Paulo: Tao, 1980.

HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês – História de sua Vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

HIGASHINO, Adriana Piccinini. **Roof Typology and Composition in Traditional Japanese Architecture**. 2001. 121 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, The University Of Tokyo, Tokyo, 2001

HIRATA, Ricardo Yoshiyuki. **TEMPO E ESPAÇO NA DINÂMICA MIGRATÓRIA JAPONESA: O CASO DE MOGI DAS CRUZES**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambú. **ABEP**. Caxambu: Ibge, 2006. p. 2 - 12. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_438.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_438.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2016.

IBGE. **BRASIL 500 ANOS DE POVOAMENTO**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 25 jan. 2017

IZUMI, P.t.. **Envelhecimento e etnicidade o processo de aculturação dos imigrantes japoneses**. 2010. 30 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ffch, Usp, São Paulo, 2010.

KIMURA, Simone. **Vestígios da imigração japonesa no Brasil:Um Patrimônio Possível bens tombados pelo Iphan entre 1985 a 2010**. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13514/1/2013\\_SimoneKimura.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13514/1/2013_SimoneKimura.pdf)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

KUNIYOSHI, Celina; PIRES, Walter. **Casarão do Chá – Mogi das Cruzes**. São Paulo: Condephaat, 1984.

KUROKAWA, Kisho. **A filosofia da Simbiose**. Tokyo: Tokuma Shobo, 1999.

LA PASTINA FILHO , José . **Conservação de telhados: manual / José La Pastina Filho**. Brasília: IPHAN, 2005.

MOGI DAS CRUZES. PREFEITURA DE MOGI DAS CRUZES. . **Casarão do Chá**. Disponível em: <[http://www.cultura.pmmc.com.br/index.php?option=com\\_eventlist&view=espacocultural&id=20&Itemid=127](http://www.cultura.pmmc.com.br/index.php?option=com_eventlist&view=espacocultural&id=20&Itemid=127)>. Acesso em: 12 jul. 2016

MORAES, Mário Sérgio. **História do Centenário da Imigração Japonesa em Mogi das Cruzes**. Mogi das Cruzes: Mogi News, 2009

MORAES, M. S. A imigração Japonesa em Mogi. **Revista Expressão**. Mogi das Cruzes, Ano I, Nº 3, mai./jun., 1990, 27- 44 pp.

ROCHA- PEIXOTO, Gustavo. **As fases, enfim**. In: Reflexo das Luzes na Terra do Sol: sobre teoria da arquitetura no Brasil da Independência. 1808-1831. São Paulo: ProEditores, 2000, p.64-70

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada-1908-1941**. In: XXII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS,1998, Caxambu. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Caxambu: Anpocs, 1998. p. 4 – 20

SILVA, Maico Pinheiro da; BONINI, Luci Mendes de Melo; CANDIDO, Valéria Bressan. **A imigração japonesa e o desenvolvimento regional: Histórias e memórias do alto tietê**. 2015. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Mogi das Cruzes, Santa Cruz do Sul, 2015.

UENO, Prof.dr. Kunikazo. **Relatório apresentado pelo Prof.Dr. Kunikazo Ueno à Fundação Japão**. São Paulo: Fundação Japão, 1999. Disponível em: <<http://casaraodocha.org.br/wp/wp-content/uploads/2014/05/Relatório-Casarão-do-Chá-UENO-Kunikazu.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

YAMAKI, Humberto. **Lições de arquitetura: manuais e recomendações aos imigrantes japoneses nos anos 20-30**. Londrina : Edições Humanidades, 2008

**Contatos:** julianatiea@gmail.com e roseli@mackenzie.br